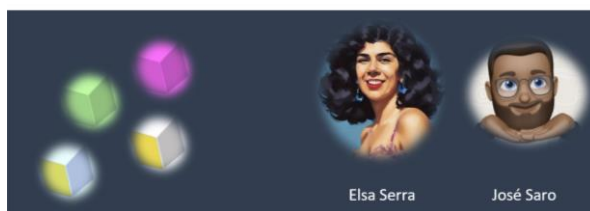


AÇÃO DE FORMAÇÃO

HISTÓRIAS IGUAIS COM FINAIS DIFERENTES



FORMADORES: Elsa Serra e José Saro

FORMANDO: Rui Manuel Martins Ferreira

(professor de Português na Escola Secundária Padre António Vieira)

TAREFA 3

1º Num espaço inesperado capta uma imagem inclusiva (a metáfora também conta ...) e discorre sobre ela.



Engraçado que captaram este momento sem nenhum de nós estar à espera. Tinha recebido na minha sala a visita surpresa de duas alunas do ensino especial acompanhadas pela respetiva professora. O que chamou à atenção destas meninas foi verem muitas cartolinas coloridas em cima das carteiras. Entraram de rompante na minha sala de aula e os meus alunos, de forma afável, simpática e muito cordial integraram, naturalmente, estas duas meninas nos trabalhos que estavam a desenvolver.

A foto narra, exatamente, o momento em que eu lhes estava a explicar o significado de cada cor para o projeto que estava em curso (uma exposição à volta da contemporaneidade da obra de Alice Vieira, *Leandro, rei de Helíria*). De destacar a atenção da menina que está a olhar para mim e a imitar-me com o seu dedinho frágil, o apontar da cor na cartolina.

Resultado: ambas participaram neste projeto, de livre e espontânea vontade, realizaram, dentro dos seus grandes limites cognitivos, dois trabalhos simples, mas com grande valor sentimental, que viram expostos com os demais trabalhos da turma. Vi, estampado no seu rosto, felicidade e, sobretudo muito bem-estar.

Trata-se, pois, de uma imagem inclusiva que veio a revelar-se mais tarde o coroar de glória para estas duas simpáticas meninas. São momentos como estes que fazem com que a minha paixão por ensinar nunca se extinga como o pavio de uma vela...muito antes pelo contrário.



2º Selecciona uma imagem de um objeto de arte (livro, escultura, disco, vídeo...).
Identifica-o e explica a razão da seleção.



Este quadro foi pintado por Luís Pinto Coelho (nasceu em Lisboa em 1942. Estudou Pintura na ESBAL. Residiu em Madrid a partir de 1961. Trabalhou sob a orientação do pintor Luís Garcia - Ochoa. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian (1964/65). Realizou dezenas de exposições individuais em Portugal, Suécia, França e Espanha. A sua obra está representada em cerca de um milhar de coleções particulares em todo o mundo, e também em museus. Referência especial deve ser feita a importantes projetos nos quais o artista esteve empenhado com trabalhos de reconhecido mérito criativo nos campos da escultura, pintura mural, cerâmica, tapeçaria, cenografia, artes gráficas, fotografia, decoração e design. Consagrado retratista, pintou, entre outras personalidades, o Rei D. Juan Carlos de Espanha, o Grão-Duque Jean do Luxemburgo, o Príncipe Alberto do Mónaco, a Arquiduquesa Sofia de Habsburgo, o Rei Simeão da Bulgária, o Sr. Hans Rausing, General Ramalho Eanes, Sra. Isabel Preysler, Sra. Dona Amália Rodrigues. Luís Pinto Coelho faleceu em 2001.) e retrata Amália Rodrigues no espetáculo de celebração dos 50 anos de carreira em 1990. Encontra-se no *hall* de entrada da Casa-Museu/Fundação Amália Rodrigues.

Escolhi esta obra de arte por causa do porte altivo/real de Amália. Talvez dos únicos retratos que se fizeram da diva realmente fiel. A simbiose dos tons entre o branco, o cinza e o negro dão um realismo infinito a esta pintura. Não nos parece mostrar uma figura estática muito antes pelo contrário, dá a sensação de movimento, dá a sensação de vermos Amália a caminhar em direção ao infinito de forma muito serena envolta num misterioso nevoeiro... o mistério do Além como foi a sua estranha forma de vida. Aqui está retratado todo um país, toda uma Voz, todo um povo. Trata-se, quanto a mim, de uma pintura com uma força inesgotável/esmagadora/imponente...de uma pintura poderosa, digna da nossa própria Amália.



Este outro quadro foi pintado por Enric Ribó (1959) inspirado numa fotografia de Amália Rodrigues por Augusto Cabrita.

Uma pintura com uma força telúrica indescritível. A simbiose entre a terra e o mar dão-nos, como produto final, o retrato de uma deusa. Amália toda ela Vida, Nostalgia, Tristeza e Dor. O perfil de Amália transmite-nos todo o destino de um povo, a incarnação do próprio Fado, a dor de viver e de existir, a mártir de um destino...

Tomei a liberdade de escolher esta segunda pintura sobre Amália Rodrigues devido à sumptuosidade que nos é transmitida. Parece que estamos perante algo ou alguém inalcançável, uma deusa intocável, a própria Mãria.

Amália em sintonia com a mãe Natureza: as *florzitas* que ela tanto amava e o **mar**...o seu confidente. Nesta pintura os três elementos fundem-se numa única alma, a da própria fadista numa dança de cores sensíveis/suaves como a própria Amália.

Como curiosidade, esta obra tornou-se capa do disco de Amália "Gostava de ser quem era", composto inteiramente por canções cujos poemas foram escritos pela própria Amália.

Gostaria ainda de relacionar esta pintura/obra de arte com um poema escrito por Alexandre O'Neill para a própria Amália:

Eu já não sei, quando te ouço,
Se como caracóis ou mastigo alecrim,
Se me derramo pelo amor ou por um banco de jardim,
Se a gaivota voa fora ou dentro de mim,
Se, coisa cantante, um sentimento pode apodrecer ao sol,
Se o desgosto é gosto ou o gosto é desgosto,
Se hei-de ir a Viana ou derivar por Lisboa
Até onde a voz se faz mais rouca.

Eu já não sei, quando te ouço,
Que pedrinhas atirar e a que janelas,
Que caretas fazer às feias, quer dizer às menos belas,
Que mãos beijar, trincar, devorar
E que anéis cuspir para as valetas.

Eu já não sei, quando te ouço,
Se trepe a estilita ou mergulhe num poço.

Eu já não sei, Amália,
Donde vem, para onde vai a tua voz,
Que rapaz, que rapariga
Estão prometidos (e tão sós!) na tua Voz.

Alexandre O'Neill

É por isto tudo que modernamente e sem desrespeito pelos símbolos quasi sagrados de um país, Amália Rodrigues, em minha opinião, fecha o triângulo de heterónimos ao acrescentarmos o seu nome à bandeira e ao hino que nos definem mundialmente como país e como povo.

24 maio 2024